

## **VIDROS ROMANOS**

### O VIDRO NA CULTURA ROMANA

Nos dias de hoje o vidro é um material de baixo custo, utilizado tanto em residências como em lugares públicos. Por ser também um material reciclável, pode ser reutilizado diversas vezes, sem prejuízo para o meio ambiente. Mas nem sempre foi assim. Nos tempos antigos, ele era um material de alto padrão, acessível somente para os poderosos da época (FLEMING, 1997).

A produção de vidros em larga escala na Europa iniciou-se à época do Império Romano, quando o imperador Augusto (Fig. 1) decidiu concentrar diversas atividades econômicas na península itálica, incluindo a fabricação de vidros. Para este fim, diversos artesãos das províncias da Síria e da Judeia foram levados como escravos para o centro do império, trazendo consigo técnicas tradicionais de vidraria como o molde e o sopramento (Fig. 2) (FLEMING, 1997).

Figura 1

ANÔNIMO

Busto do imperador Augusto

com a coroa cívica

Mármore

Munique: Gliptoteca (DE)

## Figura 2

SOPRADOR DE VIDRO

Iluminura do manuscrito De Rerum Naturis

de Rábano Mauro

1425

Biblioteca da Universidade de Heidelberg (DE)





Levou quase uma década para que a vidraria romana alcançasse algumas das características que a atual indústria de vidros possui, como a produção em massa, padronização de formatos e tamanhos dos vasos, e um eficiente sistema de distribuição de produtos para atender ao mercado interno. A partir de meados do primeiro século da Era Comum, o vidro tornou-se o grande rival da cerâmica para utensílios de mesa e armazenamento de produtos, como frutas, peixes, vinhos, perfumes e medicamentos (FLEMING, 1997).

Portanto, se um anfitrião não pudesse arcar com itens de prata para o seu serviço doméstico, o substituto mais em conta era o vidro. Com o tempo, o refinamento técnico dessa manufatura a colocou em estatuto superior na vida cotidiana romana. Escavações arqueológicas nos sítios de Pompeia e Herculano demonstram a variedade de técnicas utilizadas para a produção desses itens: translúcidos ou coloridos, soprados ou moldados, lisos ou decorados. Itens do mais alto padrão, como os encontrados em Pompeia e Herculano, vinham de manufaturas ao norte da península itálica e da região do rio Reno, atual Alemanha (BOARDMAN; GRIFFIN; MURRAY, 1990).

Vidros passaram a ser usados na arquitetura das casas a partir do período imperial. Antes, a grande casa aristocrática romana, chamada *domus*, possuía pórticos avantajados e amplas varandas, por onde a luz solar iluminava boa parte dos cômodos – pelo menos aqueles de circulação social. No entanto, como a luz do sol não chegava a todas as partes da casa, os cômodos de serviço e de dormitório eram mal iluminados, dependendo de candeeiros a carvão, que jogavam muita fuligem no ar. O uso de janelas envidraçadas permitiu maior luminosidade em todos os cômodos da casa, além de promover maior regulação térmica nas variadas estações do ano (BOARDMAN; GRIFFIN; MURRAY, 1990).

Ainda na arquitetura, os vidros romanos eram usados para compor elementos decorativos complexos, como mosaicos. Esses arranjos com peças de vidro adornavam os cômodos sociais das casas junto com tábuas pintadas e grandes estátuas, ambas em mármore, que imitavam obras do período helenístico. Também eram aplicados em nichos, originalmente feitos de concreto puro, e em fontes públicas (BOARDMAN; GRIFFIN; MURRAY, 1990).

# OS VIDROS ROMANOS DA COLEÇÃO EVA KLABIN

A Casa Museu Eva Klabin possui em seu acervo uma coleção de utensílios de vidro encontrados na bacia do mar Mediterrâneo durante o período de dominação romana. Composta de 58 frascos, as peças se destacam pela variedade de formas e técnicas empregadas e proporcionam uma visão privilegiada da vida cotidiana do império romano (MIGLIACCIO, 2007).

O unguentário (Fig. 3) é um pequeno recipiente de corpo duplo e coloração esverdeada. Sua forma peculiar se deve pela técnica do vidro moldado, que consiste no despejamento da pasta de vidro incandescente em um molde (Fig. 4), assumindo sua forma ao endurecer (TOLEDO MUSEUM OF ART, 1989). O motivo pelo qual a peça foi produzida com corpo duplo é apenas especulação. Uma possibilidade é que cada recipiente levasse uma dose de diferentes ingredientes de algum medicamento ou mistura curativa. Em sua História Natural, o naturalista romano Plínio registra a receita de um unguento utilizado pelos reis da Pártia, no atual Irã, que consistia em uma mistura de plantas e ervas aromáticas, como o cardamomo, a hena, o açafrão, a canela e a mirra, acrescentados de mel, vinho e óleo de azeitonas (FLEMING, 1997).

A enócoa (Fig. 5 página seguinte) é também um recipiente de pequenas dimensões, de corpo único e coloração âmbar claro. Era produzida com a técnica do vidro soprado em molde, que consiste no sopramento da pasta de vidro, com o auxílio de uma vara, para dentro da fôrma. É provável que o molde da enócoa, diferente daquele usado na feitura do unguentário visto anteriormente, possuísse ranhuras que deixaram uma marca impressa na peça depois de fria. O trabalho ondulado no bocal da enócoa pode indicar o uso de ferramentas de moldagem para puxar o vidro ainda incandescente e dar-lhe forma (TOLEDO MUSEUM OF ART, 1989).



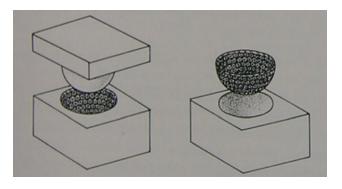


Figura 3
UNGUENTÁRIO
Região sírio-palestina
séc. III-IV d.C.
Vidro fundido e moldado
Rio de Janeiro: Casa Museu
Eva Klabin (BR)

Figura 4 ESQUEMA DA TÉCNICA DO VIDRO MOLDADO. Toledo Museum of Art, p. 32.



Figura 5
ENÓCOA
Região sírio-palestina
séc. IV d.C.
Vidro soprado em molde
Rio de Janeiro: Casa Museu
Eva Klabin (BR)



Figura 6
ANFORISCO
Sem local
séc. III-V d.C.
Vidro soprado
Rio de Janeiro: Casa
Museu Eva Klabin (BR)

Por fim o anforisco (Fig. 6 página anterior), diminuto em tamanho e de coloração esverdeada, foi produzido com a técnica do vidro soprado. Nesse caso, sem o auxílio de um molde pré-fabricado, a pasta de vidro é soprada livremente e o artesão lhe dá a forma manualmente, com o auxílio de ferramentas de molde. O bojo do vaso é decorado com pequenos filamentos de vidro mais escuro, que são despejados e aderem à peça quando frios (TOLEDO MUSEUM OF ART, 1989). É provável que anforiscos desse tipo fossem usados nas cozinhas, guardando temperos, marinados ou especiarias. Também poderiam ser encontrados em rituais funerários, contendo perfumes e óleos aromáticos para a preparação do corpo (FLEMING, 1997).

#### **OUTROS EXEMPLOS DE VIDROS ROMANOS**

O Museu de Arte de Toledo, nos EUA, é um destacado centro de pesquisa e conservação de vidros romanos. Sua coleção foi doada por seu idealizador, o industrial e filantropo Edward Drummond Libbey (Fig. 7), ele próprio empresário da indústria vidreira norteamericana. Destaca-se em sua vasta coleção, exibida no referido museu, uma Tigela (Fig. 8) produzida com a técnica do vidro em mosaico. No caso da peça em questão,

Figura 7
PHILIP DE LÁSZLÓ (1896-1937).
Retrato de Edward Drummond Libbey
1922
Óleo sobre tela

Toledo, OH: Museu de Arte de Toledo (US)

Figura 8
TIGELA
Sem local
séc. I a.C.-I d.C.
Vidro

Toledo, OH: Museu de Arte de Toledo (US)



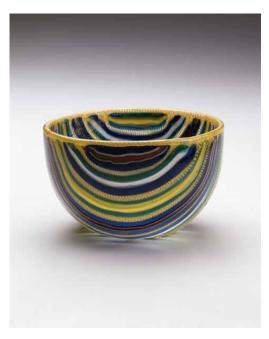




Figura 9
VASO DO GLADIADOR
Bagram, Afeganistão
séc. I d.C.
Vidro esmaltado
Cabul: Museu Nacional de Cabul (AF)

Figura 10
VASO PORTLAND
Roma
5-25 d.C.
Vidro camafeu
Londres: Museu Britânico (UK)



a técnica consiste na junção de diversos feixes paralelos de vidro incandescente em diversas cores, que são posteriormente acomodados em um molde para esfriar. Depois de frios, os feixes de vidro acomodam-se à forma na qual foram colocados e a peça apresenta um padrão como o de um arco-íris (TOLEDO MUSEUM OF ART, 1989).

O Museu Nacional de Cabul, no Afeganistão, possui uma curiosa peça de vidraria romana em seu acervo, que é o Vaso do Gladiador (Fig. 9). Encontrado em um sítio arqueológico na cidade de Bagram, trata-se de uma peça de vidro transparente, com detalhes pintados e esmaltados em verde, vermelho e amarelo ocre. O vaso apresenta a imponente figura de um gladiador romano, armado de couraça, capacete e escudo. A presença dessa peça no museu afegão não deve surpreender, já que o império romano mantinha, pela força e pela diplomacia, relações políticas e comerciais com diversos impérios do mundo então conhecido, especialmente no continente asiático (CAMBON, 2007).

Uma modalidade de vidros romanos muito apreciada entre colecionadores é a dos chamados "vidros camafeus". São peças decoradas com a inclusão de relevos brancos sobre fundo azul escuro. Famoso exemplar dessa técnica é o chamado Vaso Portland (Fig. 10), que descreve diversas cenas mitológicas a partir de um esmerado refinamento técnico. Há divergências sobre a interpretação das figuras, mas supõe-se que se trate de cenas associadas à vida do imperador Augusto. Encontrado em uma tumba atribuída ao imperador Alexandre Severo (208-235), o vaso pertencia à coleção da família Barberini quando foi adquirido pelo diplomata britânico Sir William Hamilton. Ao ser levado à Inglaterra, foi comprado pelo Duque de Portland em 1786, e por isso o sobrenome do aristocrata passou a denominar a peça (PAINTER; WHITEHOUSE, 1990).

## **BIBLIOGRAFIA**

FLEMING, Stuart James. *Roman glass: reflexions of everyday life*. Filadélfia: The University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 1997.

BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jasper; MURRAY, Oswyn (orgs.). *The Roman World. The Oxford History of the Classical World*, v. 2. Oxford, Nova Iorque: Oxford University Press, 1990.

MIGLIACCIO, Luciano. A Coleção Eva Klabin. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

TOLEDO MUSEUM OF ART. Early Ancient Glass. Nova Iorque: Hudson Hills Press, 1989.

PAINTER, Kenneth; WHITEHOUSE, David. *The History of the Portland Vase*. In: Journal of Glass Studies, vol. 32, 1990, pp. 24–37. Disponível em www.jstor.org/stable/24188030. Acessado em 17 de dezembro de 2020.

CAMBON, Pierre. Afghanistan: Les trésors retrouvés. Paris: RMN, 2007